

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Consultório eleitoral

Agora que desistiu de ser apenas governante para assumir sua porção candidato antes que seja tarde demais, o presidente Fernando Henrique Cardoso está convencido de que campanha bem-sucedida não se faz apenas com pesquisas ou com aquilo que os economistas do governo consideram melhor para a preservação do plano econômico. Resolveu que sentir o pulso dos políticos é fundamental, muito mais que se ater apenas à voz das ruas traduzida pelos grupos de pesquisa qualitativa.

Por isso, nesta semana o publicitário Nizan Guanaes fez um périplo de conversas extensas e individuais com os senadores Antônio Carlos Magalhães, Jader Barbalho, o ministro Eliseu Padilha e o presidente do PFL, Jorge Bornhausen. Hoje estará no Rio para ouvir o PSDB e provavelmente o governador Marcello Alencar.

E qual a missão de Nizan? Exatamente recolher dos políticos o sentimento que têm a respeito de todos os aspectos do governo. Busca uma média de opiniões a respeito do que deve ser ressaltado e do que deve ser definitivamente esquecido. A partir desses dados é que montará a estratégia de campanha do ponto de vista da publicidade e elaborará a linha dos programas do horário gratuito.

Mais que por dever de ofício o baiano Nizan se mantém absolutamente calado a respeito do resultado dessas conversas. E dizemos que é mais do que por dever de ofício, porque houve no Planalto uma decisão firme de que o pessoal de comunicação deve se manter na maior discrição possível. Quem fala são os políticos. No máximo, o coordenador-geral da campanha, Eduardo Jorge.

Ficou estabelecido que quem tem voto tem também o direito de palpar publicamente. Quem presta serviço faz o serviço em silêncio. Para ser mais precisa, nessa campanha a ordem é que marqueteiro não sobe no palco muito menos em palanque.

Nesse trabalho de bastidor, Nizan ouve mais do que fala. Mas o grupo de comunicação que assume a campanha, deixando um pouco para escanteio o esquema da Secretaria Nacional de Comunicação, já sentiu que é premente a necessidade de os representantes dos partidos darem mais unidade a seus discursos.

As discordâncias são absolutamente naturais, já que políticos e partidos têm cada qual seus interesses individuais a defender. Hoje o que une é a sensação de que sobram maravilhas no que se refere à auto-avaliação do governo, mas lhe faltam os votos para voltar a respirar com o mesmo alívio de antes.

E nessa situação de perigo está todo mundo concordando em um ponto: Fernando Henrique precisa urgentemente deixar de se preocupar com a chamada liturgia do cargo e partir para o popular. Não se trata, segundo essas análises, de reinventar um personagem, mas de retomar aquela postura da campanha de 1994, quando logo nas primeiras viagens pelo país o candidato conseguiu mostrar que podia ser algo mais que um intelectual de cintura grossa quando o assunto era povo.

Pois então já está tomada a decisão de que nas próximas viagens FH será menos presidente e mais candidato. Como então escapular dos rigores da lei eleitoral?

Por exemplo, apenas mudando o enfoque, os alvos de suas visitas: Quando visitar uma obra, a viagem será esquematizada de um jeito que dê ao presidente a oportunidade de aparecer junto à população de alguma forma envolvida – e, de preferência, beneficiada – com aquela obra. Ou seja, no lugar de olhar cimento, trata de gente. É o que está sendo chamado de “visita ao lado humano da obra”.

Faz mais gestos e menos discursos. Até porque todo mundo concorda que não adianta ele listar todos os aços que o governo está construindo, citar números, índices, falar, falar, falar, porque além de dificilmente as pessoas prestarem atenção nesse tipo de conversa ainda a consideram sob suspeição. Claro, como comprovar se são mesmo verdadeiras ou apenas discurso de campanha?

Já as atitudes têm mais chance de convencer se conseguirem fixar uma percepção positiva no eleitorado. Porque o caso agora é de virar a chave da impressão geral de que Fernando Henrique só se preocupa com a banda macro da vida e não dá atenção ao cotidiano que estão vivendo os brasileiros.

E não será com aulas magnas nem com o auxílio de Max Weber e Maquiavel que conseguirá isso. Que o presidente é sabido, todo mundo já está convencido. O que ele precisa agora mesmo é dos políticos velhos de guerra, precisa de arregaçar muita manga de camisa, dobrar muita batinha de calça para entrar de sola, cabeça, corpo e alma no Brasil que não tem tanto charme nem cultura mas que, certo ou errado, está se sentindo abandonado por aquele que há quatro anos era unanimidade nacional e hoje perdeu a majestade.